


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 121344
Título: Privados também devem planejar					Temática: Generalista	GRP: 11.7
2006/12/15	JORNAL DE NOTÍCIAS – PRINCIPAL	Pág.37	Imagem: 1/1		Periodicidade: Diária	Inv.: 2812.00

Privados também devem planejar

Os agentes privados do Douro devem ser chamados a participar no planeamento da região, sob pena de não servir os seus interesses. O ponto de vista foi defendido pelo vice-presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte (CCDRN), Ricardo Magalhães, durante uma conferência em Torre de Moncorvo, integrada no programa dos 250 da Região Demarcada do Douro, na qual se debateu a administração de um território que é património mundial.

Ricardo Magalhães é de opinião de que todos os sectores devem ganhar “confiança” uns nos outros, desejando que os agentes privados se envolvam de outra maneira em questões de planeamento. Ou seja, “não é chamá-los quando já estamos na fase de execução de projectos; têm de se chamar muito mais a montante, quando se começam a elaborar”, sublinhou.

Novo ciclo

Assim, rotinas e metodologias do passado devem, definitivamente, ser postas de parte e iniciar um novo ciclo, capaz de ir de encontro às novas exigências criadas pela globalização. “Não podemos perspetivar o Douro dentro de dez anos sem os agentes que produzem a vinha e o vinho”, aduziu aquele responsável da CCDRN, para quem a nova Unidade Missão do Douro será “fundamental” para juntar os sectores público e privado à mesma mesa.

Um dos privados disponíveis para participar do planeamento da região é Francisco Olazabal, da Quinta de Vale Meão. Na conferência de Moncorvo, ocorrida anteontem, apontou o dedo a algumas lacunas do Douro, cujo primeiro lugar é ocupado pelo despoivoamento. Acresce a pouca qua-

Vice-presidente da CCDRN defende que todos os sectores têm de ser envolvidos nos projectos e que devem ganhar “confiança uns nos outros”

lificação da mão-de-obra existente. “Para se administrar o território também é preciso ter gente”, exclamou.

Por outro lado, sustentou que “durante muitos anos esqueceu-se que o rendimento da região provém da agricultura”. Ora, sendo a vinha a cultura dominante, “devem ser os viticultores a participar no planeamento da região”. Para o efeito defende a associação destes agentes, pois “sozinhos não se desenvolvem, nem contribuem para criar riqueza na região”.

Valerá, por isso, pôr os olhos no exemplo francês de Val de Loire, apresentado em Moncorvo. Aque-la região tem no rio do mesmo nome, na vinha, nos castelos e nos jardins os condimentos que a Unesco considerou fundamentais para lhe atribuir o título de património da humanidade. Mas ao contrário do Douro, há muito que as organizações públicas e privadas se sentam à mesma mesa para planejar o futuro.

Em suma, defende Jorge Osório, da ADETURN-Turismo Norte de Portugal, “não podemos ter no Douro uma marca mundial e não a aproveitar para o seu desenvolvimento”. ◀